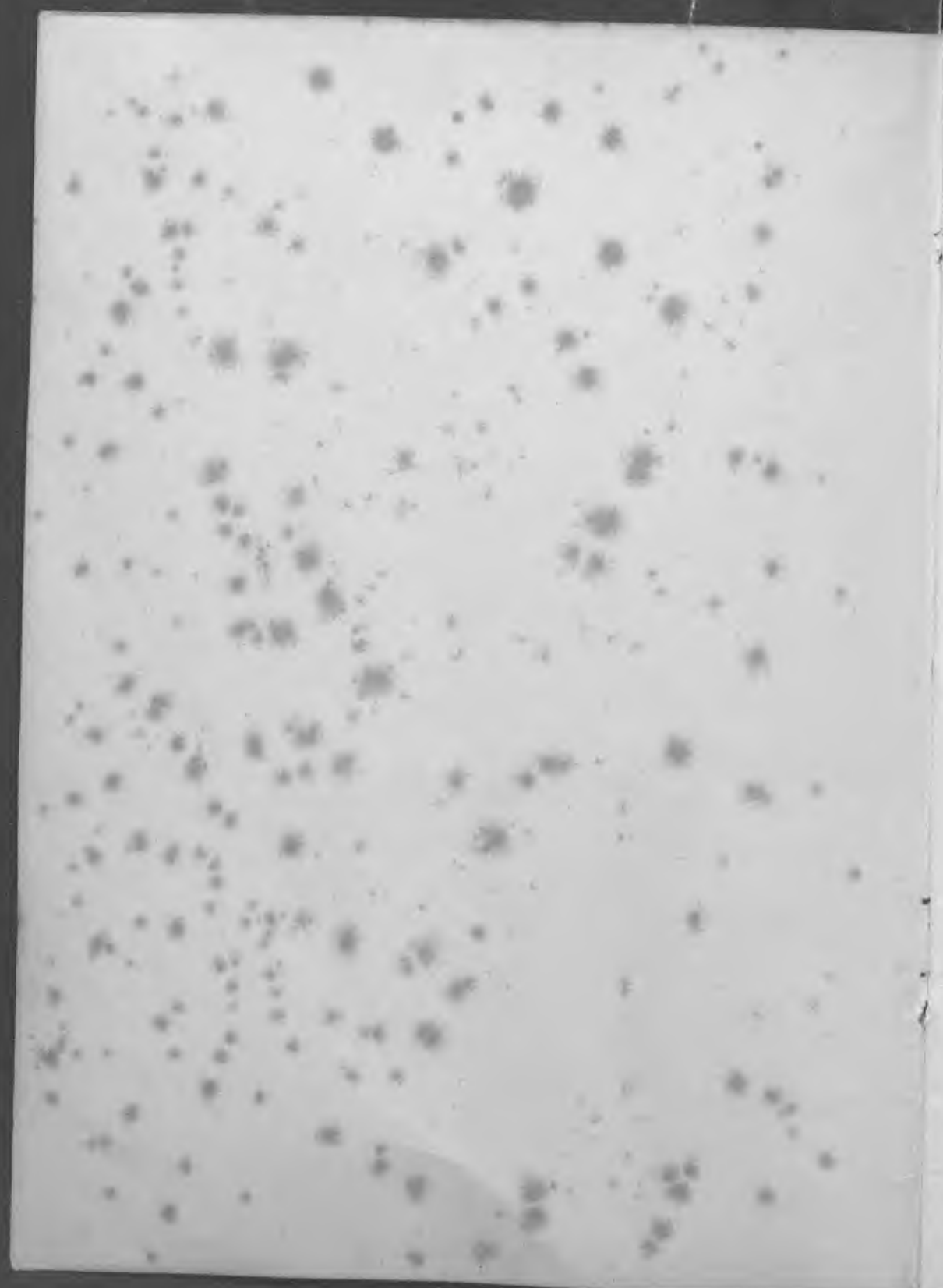




A CONFERÊNCIA DA HAIA

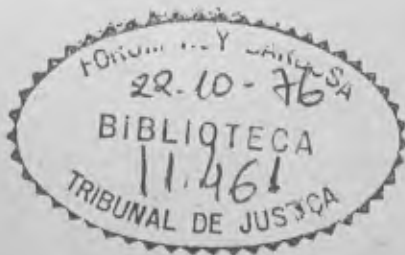


RUI BARBOSA

*OB*RAS AVULSAS -- 1

A Conferência da Haia

*Discurso em Paris a 31 de
outubro de 1907*



CASA DE RUI BARBOSA

Rio de Janeiro

1962

TOMBO 007119



327
B238

CATALOGO 007115

Em 1907, reiteradamente instado pelo ministro Rio-Branco, para que aceitasse a chefia da delegação brasileira à Segunda Conferência da Paz, em Haia, Rui Barbosa só acedeu ao convite após quarenta e dois dias de hesitação e dúvidas, pois não acabava consigo de convencer-se que reunia em si as condições necessárias ao desempenho de comissão tão espinhosa.

Chegando a Haia em junho desse ano, foi pouco depois nomeado presidente honorário da 1ª Comissão e um dos membros do célebre «Comité des Septs», honraria somente conferida aos mais eminentes delegados.

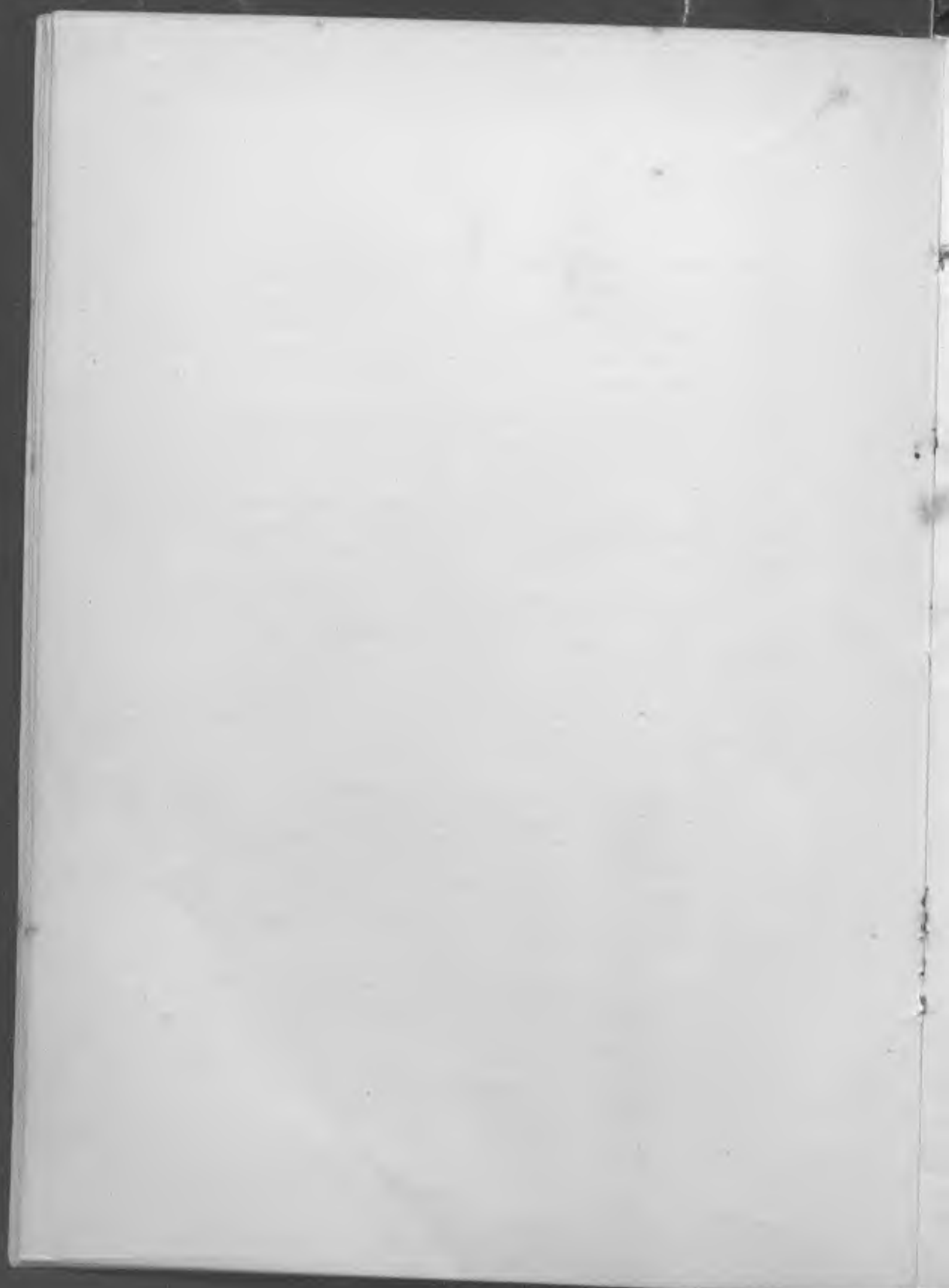
Modesto, afável, despido de ostentação, dominava a todos pela força do talento e do caráter, acabando por se impor aos membros daquele concílio como uma das suas maiores forças intelectuais.

«As duas maiores forças pessoais da Conferência» diz William Stead, o grande jornalista inglês, «foram o barão Marshall, da Alemanha, e o dr. Barbosa, do Brasil. Todavia, ao acabar a Conferência, o dr. Barbosa pesava mais (counted for more) do que o barão Marshall. Maior triunfo pessoal nenhum dos seus membros o obteve; e tanto mais notável foi, quanto o alcançou êle por si só, sem nenhum auxílio estranho. Foi um imenso triunfo pessoal que redundou em crédito para o Brasil».

Terminada a Conferência, prestou a colônia brasileira, em Paris, uma homenagem a Rui, a qual se realizou no Hotel Continental. Ofereceram-lhe um bronze de Ernesto Barrias, «A Glória coroando o Gênio», sendo intérprete dos brasileiros o dr. Gabriel de Toledo Pisa, ministro do Brasil em Paris.

Rui, agradecendo à manifestação, e respondendo ao orador, sintetizou no seu discurso os trabalhos da Conferência. (*)

(*) Nota de Fernando Nery para a edição que ocorre em *Ditadura e República*. O texto desta oração encontra-se no folheto publicado em Paris, na *Imprimerie Centrale de la Bourse*. 31 pp. — reprod. em *Jorn. Comércio* — 24-XI-1907; — em *Ditadura e República* — Rio, 1932; — em *Novos Discursos e Conferências* — S. Paulo, 1933; e na publ. da Casa de Rui Barbosa. *A Conferência da Haia*, Rio, 1949. Há traduções francesa e castelhana.



Sr. Ministro, minhas senhoras, meus caros
patrícios,

Na expressão dos sentimentos que vos ditaram esta generosa homenagem, não sei o que mais me comova e que mais vos agradeça: se a doce bondade do pensamento que a inspirou, se a formosura da obra d'arte que o representa, se a eloquência da palavra que o traduz. O mundo está cheio de oradores. Mas aquêles em cuja voz se sinta o transbordar de uma alma cheia de ideal e de um coração cheio de humanidade, são mais raros que as gemas dos tesouros dos reis.

No meu caminho de Haia para o Brasil esta reunião interpôs hoje uma antecipação da pátria, viva e presente em vós entre os esplendores de Paris. Aos acentos do hino que o vosso orador (1) acaba de entoar à perenidade dela, todos a vimos surgir de dentro de nós mesmos, grande, límpida, radiante, como um corpo celeste atravessando o profundo horizonte azul donde o cruzeiro nos estende os seus braços de estrêlas. A distância, assim explorada, não nos empana o cristal da objetiva com o orvalho da saudade: amplia o campo visual e purifica o ambiente, deixando-nos seguir no éter imaculado o curso da imagem luminosa. As paixões não lhe estremecem o equilíbrio. As discórdias não lhe reta-

(1) Dr. Gabriel de Toledo Pisa, ministro do Brasil em Paris.

lham a grandeza. Os interesses não lhe embaciam o fulgor. É a visão da pátria sem dissensões nem manchas, clara, tranqüila, sorridente, assomando, imenso disco resplandesciente, numa atmosfera sem nuvens, com essa proximidade da refração dos grandes astros na transparência do céu americano.

Encarada a esta luz, a ausência chega a ser um benefício divino. O indivíduo criado no egoísmo e na malevolência pela ação ruim dos conflitos intestinos, dos atritos quotidianos com o próximo, se envergonha então do nível ordinário de sua vida de esterilidade, sem descortino nem previdência, sem amor nem entusiasmo. No círculo da sua perspectiva surde, repentinamente evocado, o futuro de seu país. As facções, as desuniões, as revoluções, as sedições desaparecem ao longe, como sombras de súbito espancadas pela claridade matutina. Dêsse espetáculo interior, contemplado com arrependimento e com admiração, renasce, convertido e transformado, o patriotismo, na verdadeira inteligência de amar à terra natal, segundo os interesses do seu crédito perante o mundo.

Hoje, com efeito, mais que nunca, a vida, assim moral como econômica, das nações, é cada vez mais internacional. Mais do que nunca, em nossos dias, os povos subsistem da sua reputação no exterior. Sobretudo os povos em elaboração como o nosso, como todos do nosso continente. As correntes de que se vê atualmente sulcada em todos os sentidos a superfície do globo, já não permitem as civilizações isoladas, nacionais, de outros tempos. As mais confinadas de outrora, as do remoto e misterioso oriente, essas mesmas já não resistem à invasão, e até lhe abrem os braços. Quanto mais nós, que temos na Europa a nossa ascendência direta, e dela haurimos.

dia a dia, na sua cultura, na sua emigração, nos seus capitais, a substância do nosso crescimento.

Quando os nossos estadistas se convencerem de que no conceito exterior do Brasil, na sua boa nomeada entre as nações, está o mais seguro critério dos seus interesses, a influência dessa preocupação terá sobre o nosso desenvolvimento efeitos incomparáveis. Ela nos temperará as paixões, nos abançará as lutas, nos civilizará os costumes, nos facilitará os problemas, dará outro tom, outra direção, outro movimento, outra energia, outra fecundidade às nossas instituições, às nossas aspirações, às nossas deliberações. Será, para a nossa política, uma era nova, determinada pelo nosso contato, pela nossa cooperação, pela nossa intimidade com as grandes nações de um e outro hemisfério, das quais nos aproximaremos no valor, aproximando-nos nas relações. Bem menores ainda somos do que nos presume o patriotismo fátuo; mas somos já muito maiores do que nos figura o patriotismo cético, pessimista ou negligente.

Esta é uma das impressões mais vivas que trago da Segunda Conferência da Paz. O que nela colhemos em proporções difíceis de exagerar, me leva a sentir profundamente o erro cometido em não comparecermos à primeira. Nada nos poderia dar medida mais expressiva do quanto se chegaram a perder, entre nós, de vista os supremos interesses da nossa nacionalidade. Dos Estados latino-americanos só o México e o Brasil foram convidados, em 1899, à Assembléia de Haia. O México acudiu ao apêlo. O Brasil, não. Por quê? No Congresso Pan-Americano do ano passado se declarou que a ausência do Brasil fôra um protesto contra a exclusão de suas irmãs. Com a nossa presença o teríamos lavrado me-

lhor. Em vez de protestar inarticuladamente, pela abstenção e pela mudez, não decifradas senão seis anos depois num cumprimento arriscado à incredulidade, teríamos erguido a voz para reivindicar o direito dos excluídos.

Destarte grangearíamos desde então o reconhecimento de todos êles; e, quando a Segunda Conferência lhes abrisse, como lhes abriu, as portas, teríamos assegurado ao Brasil, pelas simpatias de todos, o pôsto, conquistado pela nossa iniciativa fraternal, de primeiro entre os seus pares na América Latina, de órgão e guia dos povos da nossa raça naquele continente.

Dêsse papel nos não mostramos indignos no augusto Congresso que se acaba de encerrar. Vossa benevolência exagera aí o valor do meu concurso pessoal. O Embaixador do Brasil não foi mais que um instrumento feliz das circunstâncias, nas mãos daquele sob cuja Providência se tecem os destinos das nações. Nunca a senti de um modo mais íntimo que nesses quatro meses de perigos e trabalhos, os mais formidáveis de tôda a minha vida, aliás tão farta de provações e acidentes.

Com a consciência, que nunca me abandonou, da minha inferioridade, eu me achava assoberbado pela tarefa, que se impunha à representação do Brasil, compreendida como eu a compreendia. Entre os que imperavam na majestade da sua grandeza e os que se encolhiam no receio da sua pequenez, cabia, inevitavelmente, à grande república da América do Sul um lugar intermédio, tão distante da soberania de uns como da humildade de outros. Era essa posição de meio têrmo que nos cumpria manter, com discrição, com delicadeza e com dignidade.

Abaixo das oito grandes potências que entre si repartem o domínio da força, nenhum Estado se adianta ao Brasil no conjunto dos elementos, cuja reunião assinala a superioridade entre as nações. Considerados êles no seu todo, nenhuma, dentre as potências de segunda ordem, se nos avanta. Creio mesmo que nenhuma nos iguala. Nossas tradições diplomáticas nos colocaram, a certos respeitos, numa grande altura, lado a lado com os governos que haviam exercido a magistratura arbitral em grandes litígios entre as maiores potências do globo. Nossa fraqueza militar nos punha a uma distância mui longa dessas potestades armadas.

Esta situação, na sua extrema delicadeza, devia ter uma linguagem sua, moderada e circumspecta, mas firme e altiva, quando necessário. Tratava-se de achá-la e de a falar naturalmente, com segurança, com calma, com desassombro, com tenacidade. Não era fácil ; mas não seria impossível. Um sentimento instintivo dêsse dever se apoderara de mim, desde que transpus os severos umbrais do Ridderzall. Aos primeiros passos êle me encheu de terror. Nos dias de estréia, quando entrei, da minha cadeira, a encarar o círculo de grandezas que me cercava, não vos sei exprimir o desalento, a sensação de impotência, de pavor, de abandono total de mim mesmo, que me entrou no ânimo, e o aniquilou. Mal se me ofereceu, porém, a ocasião de acudir pela honra do nosso pôsto, as forças, a coragem, a resolução me vieram não sei donde, vi-me de pé com a palavra nos lábios, e desde então me tracei a mim mesmo a linha mediana e reta da nossa atitude, observada até ao fim, mercê de Deus, com invariável perseverança.

Graças a ela, a impressão transparente, se não de antipatia e honestidade, certamente de contra-

riedade e estranheza, com que no comêço me escutavam, cedeu pouco a pouca à de tolerância, à de estima, à de simpatia, à de aplauso(2). Um homem de convicções honestas, com a intrepidez e a pertinácia das suas convicções, necessariamente há de acabar por se impor ao respeito do seu auditório, por mais adverso que lhe seja. Esta regra não podia falhar numa assembléia, em cujo seio se reunia a flor da cultura de todos os povos. A verdade, o direito, a justiça não podiam falar em vão à sua intelligência, à sua cortezia, à sua magnanimidade. É nestes casos que a fraqueza dos pequenos reduz e conquista a soberba dos grandes.

Por me haver possuído entranhadamente e ativamente desta intuição, permitiu Deus que ali servíssemos com utilidade, com eficácia, a certas causas, de importância vital para a humanidade, que naquele grandioso concílio das soberanias se debateram. Nossa confiança no poder do direito foi tôda a nossa força. Ela acabou por nos reconciliar com aquêles mesmos de cujos projetos havíamos causado a ruína, ou a cuja hostilidade havíamos oposto vigorosa repulsa. Os golpes que a princípio ali trocamos, deixaram tão sômente a reminiscência do contraste, assinalando a fase embrionária das relações, que terminaram do modo mais afetuoso. De sorte que, par a par com a maior admiração ante a obra, tão mal apreciada até hoje, da Segunda Conferência da Paz, essa convivência de quatro meses com os membros da grande assembléia não me deixou, para com êles, no espírito, senão reconhecimento, afeição, respeito;

(2) «Difícil é imaginar contraste maior do que o que se deu, entre a semana inicial e a derradeira semana da Conferência, na opinião geral a respeito do dr. Barbosa. A princípio se dizia que a Conferência nunca aturaria o dr. Barbosa. Mas, daí a pouco, já se acostumara a suportar o dr. Barbosa, e não tardou muito que nêle reconhecesse uma das mais poderosas entidades daquela assembléia» — W. STEAD. *O Brasil em Haia*.

e foi com lágrimas de saudade nos olhos que, aos 19 de outubro, me apartei pela última vez daquela casa, cujas paredes, carregadas de séculos, acolheram a primeira assembléia universal dos Estados soberanos.

Da *má imprensa* que lhe tem recompensado os grandes trabalhos, ela há de encontrar um dia a desforra no juízo ulterior do tempo. A publicidade moderna é impaciente e impressionista. Sua condição e suas qualidades características estão ordinariamente em diametral antagonismo com as da História, reflexiva, desinteressada, impassível. Eu não tenho dúvida nenhuma que esta reformará de um modo absoluto, a êste respeito, a sentença do jornalismo contemporâneo, precipitado e injusto na sua severidade contra a Segunda Conferência da Paz.

Esta satisfez em largas proporções ao objeto do seu programa, e não lhe irrogam censura senão por não no haver querido ultrapassar. O que estava no seu programa era a mitigação das leis e costumes da guerra. Ela o fez. Era a codificação do direito da neutralidade. Ela a realizou em grande parte. Era a reforma da corte atual de arbitramento, suas garantias, seu processo. Ela os deixou notavelmente melhorados. Era a estipulação do arbitramento obrigatório. E ela, se lhe não conseguiu definir, assentar, convencionar os casos, adotou-lhe, firmou-lhe, proclamou-lhe solenemente o princípio; passo quase gigantesco, se refletirmos na trajetória das suas consequências futuras, nas dificuldades pouco menos que invencíveis opostas à sua declaração, na exígua minoria obstante à sua consignação num tratado universal. Se não criou a corte de justiça internacional, ninguém a poderá culpar, razoavelmente, de não ter consentido em exorbitar do seu programa num ponto fundamental, para improvisar, arrastada por uma

corrente repentina, uma instituição concebida na véspera, submetida ao seu voto sem estudo nenhum, indecisa em forma e caráter no próprio espírito dos seus adeptos, supérflua às necessidades reais do arbitramento e exposta a se converter, sob o ascendente de algumas potências, num meio de amoldar aos seus interesses o direito geral das nações.

Se os resultados visíveis da Segunda Conferência ficam, entretanto, aquém das esperanças dos entusiastas da paz, os seus resultados invisíveis, quero dizer a sua obra de insinuação, de penetração, de ação moral, foram muito mais longe. Em cometimentos desta natureza a tarefa consumada não se há de calcular pelo agregado material de novidades mais ou menos sensacionais em matéria de compromissos categóricos, mecanismos, aparatosos e instituições imponentes. Tôda essa máquina de coisas de alto vulto pode ser mais ou menos vazia de sinceridade e realidade, quando o que se engendra, o que se constrói, o que se alardeia, precede à obra necessária dos anos, tentando impor à evolução do homem e dos povos criações arbitrarias ou prematuras da teoria.

Nos resultados morais, que não cabem nos artigos de um inventário, mas inclinam com um pêsc palpável a concha da balança no espírito do bom observador, é que consiste a seriedade prática e a estabilidade orgânica do progresso. Todo o mundo que nos circunda, o próprio mundo material, o grande cosmos da criação tôda e o pequeno do nosso habitatulo, é menos efeito das causas que se percebem, que das que se não divisam. Suprimi do formoso planeta que ocupamos o ambiente que o envolve, e que os nossos dedos não tateiam, os nossos olhos não enxergam, os nossos ouvidos não escutam, despi-os dêsse elemento invisível onde respira a natureza viva,

e a terra rolará no espaço, nua, devastada, solitária, inabitável, amortalhada na sua esterilidade como os astros sem atmosfera.

Neste sentido me parece que o alcance da Segunda Conferência leva ao da primeira uma vantagem incomensurável. Ela mostrou aos fortes o papel necessário dos fracos na elaboração do direito das gentes. Ela adiantou as bases da pacificação internacional, evidenciando que, numa assembléia convocada para organizar a paz, não se podem classificar os votos segundo preparação dos Estados para a guerra. Ela revelou politicamente ao mundo antigo o novo mundo, mal conhecido a si próprio, com a sua fisionomia, a sua independência, a sua vocação no direito das gentes.

Resta que a América Latina, a mais beneficiada nesses resultados, e o Brasil, o mais ativo operário na sua promoção, compreendam o valor decisivo desta situação para o seu futuro. Expostos de ora avante com a outra à observação das nações, em cujo conceito pretendem a honra da igualdade reclamada, a sua política entra hoje no caminho de novas e grandes responsabilidades. Permita Deus que o sentimento dela incuta à política de nossa terra e à das suas irmãs uma alma nova, a grande alma do porvir imbuída nessa alta moral, de que o vosso orador acaba de fazer a eloqüente apologia, e feita de trabalho, de instrução, de energia, de fé, de aliança entre a tradição e o progresso, de amor à lei e ao direito, de aversão à imoralidade e à desordem.

Façamos desta aspiração uma prece ao Deus onipotente, cujas bênçãos tantas vezes nos têm acariciado como a filhos mimosos em grandes transes nacionais. Mas, com o coração voltado para Ele, saibamos ser justos e agradecidos, não esquecendo, na manifestação com que me honrais, os dois apoios

essenciais da minha missão: o gênio do Ministro cuja colaboração assídua, incessante, luminosa, nunca cessou de me acompanhar, e o tino, a resolução, a firmeza do Presidente da República, a quem nunca esmoreceu nos momentos graves, o sentimento de valor da nossa nacionalidade e da dignidade da nossa posição. Ter compreendido, como eles o compreenderam, e auxiliado, como eles auxiliaram a nossa tarefa na Segunda Conferência da Paz é o maior serviço que nunca se prestou aos interesses nacionais do Brasil. Envoltei, pois, nas vossas homenagens, senhores, êsses dois grandes patriotas. Eu me considero feliz de ter podido servir à nossa Pátria ao lado de dois espíritos tão nobres.

